

Para Sair de Casa

Ana Carla Soler

Saímos de casa quando vamos às ruas, abrimos cosmos, viajamos, largamos velhos hábitos, fazemos algo pela primeira vez ou mudamos o curso do que parecia ser o caminho lógico das nossas vidas. A exposição “Para Sair de Casa” pede para ser lida como um convite. Contrariando as expectativas sobre um lar, as obras aqui expostas dilatam as possibilidades do que uma casa pode ser. Tão plural quanto o significado de uma “casa”, são as infinitas possibilidades ao sairmos dela.

“Para Sair de Casa” surge na compreensão de um lugar habitável ontológico, que conjuga o espaço com o tempo e o corpo. Cada artista que compõe essa exposição pauta sua pesquisa na mola estendida da gravura. São artistas da técnica que olham para a impressão como saída para criar possibilidades de pensar o tradicional espaço da reprodutibilidade técnica.

Ao acompanhá-las nos últimos anos, entre pesquisa, trocas e conversas, pude reunir trabalhos que se inspiram nos timbres de um lar. Confluem no corpo, na arquitetura, na natureza e na espiritualidade. Comunicam-se nas vibrações e arrepios que a técnica da gravura reverbera - da reverência que o papel faz à matriz às coreografias das mãos na impressão -, mas dispensam suas qualidades formais esperadas: a superfície bidimensional e a reprodução. Pulsionam para o que as descola do previsível. Saem de casa.

Elisa Arruda

Elisa Arruda, que nos recebe na entrada dessa exposição, monta, desmonta e remonta a planaridade de suas casas e móveis estampados no papel. Nos convida a entrar em suas casas coloridas e geométricas, que se conectam com algum lugar da memória, seja pelos azulejos e pisos guardados na lembrança ou pelos desenhos que um dia fizemos na infância. Essa estrutura criada por quadrados, retângulos e triângulos são, também, referências à pesquisa de mestrado de Arruda, que analisou arquiteturas vernaculares com ênfase nas palafitas ribeirinhas do Amazonas. Das formas simples e objetivas, partem também as mesas, cadeiras, camas e outros móveis que Elisa delicadamente, furo por furo de agulha fina, descola da gravura e monta. Fora da planaridade, os objetos ganham autonomia, se libertam no volume.

Kika Levy

A instalação de Kika Levy “Estratos” (2022) que ocupa o horizonte da exposição, preenche o espaço com objetos flutuantes. Ao nos aproximarmos da obra, percebemos que sobre a

superfície de um papel de trama transparente e firme, estão colados pequenos triângulos de gravuras, organizados e suspensos no ar por fios de algodão. As imagens que compõe as esculturas, mostram recortes da pesquisa de Levy, que registra a suspensa ação do tempo. Ela grava no papel o instante em pura poesia quando pausa o mover das nuvens na matriz em metal ou imprime a espera imóvel de uma pedra. Na instalação de Levy, tudo pode levitar e alcançar outras formas de conexão. Ao aprisionar o céu e o solo na geometria, Kika Levy nos coloca diante de nossas próprias janelas.

Eneida Sanches

Transe, no candomblé, é o momento em que o corpo “recebe” o Orixá e o acolhe na visita à sua pele, sua casa. “Transe” é também o nome da série de gravuras de olhos de boi que Eneida Sanches desenvolve há mais de 22 anos. Os olhos de boi, nos rituais da cultura iorubá, são usados para afastar más energias e desarmar feitiços. Nessa longa caminhada, a artista já criou 4.000 matrizes em metal e fez mais de 14.000 impressões. Em “Transe” as imagens de olhos de boi são impressas no papel e ganham relevo na sensibilidade da forma, que conjura as pequenas gravuras para se manifestarem como presença.

Para Sanches, a gravura é uma plataforma para outros desdobramentos: peças vestíveis, esculturas, objetos tridimensionais e intervenções com outros materiais e técnicas. Qualquer parte do processo de gravar o representa como todo, a imagem é a obra, mas também as ferramentas do processo, as matrizes e o papel.

Cleiri Cardoso

“Corpo Cultivo” é uma série de Cleiri Cardoso composta por 55 gravuras em sobreposições de papéis e de técnicas, entre elas a xilogravura, o carimbo e o desenho. Todas as obras da série são repetições das mesmas matrizes, que criam uma narrativa fantástica de um corpo feminino existindo em simbiose entre plantas e vegetações e, sem a ousadia da cronologia, passa a ser absorvido em fagocitose pela natureza que o cerca. Esse enredo é contado por folhas de papel, delicados e esvoaçantes, preenchidos pela impressão dos contornos de um corpo em xilogravura e carimbos de folhas de plantas em tonalidades de verde. Somos acolhidos e absorvidos por esse corpo vivo em não nos indica um fim, mas um infinito em transformação.